

Nilton Bonder

A ALMA IMORAL
Traição e tradição através
dos tempos

Rocco

I.
A IMORALIDADE
DA ALMA

O TÍTULO DESTE LIVRO É uma reação ao título-conceito criado por Robert Wright em seu livro *Animal moral*. É, na verdade, um título instigado por desdobramentos da teoria de Darwin que deram origem à psicologia evolucionista, que compreende o corpo como o maior responsável por nossos hábitos e cultura. Em realidade, é tão crua sua leitura do comportamento humano que seria tolo a ela se opor. Ela nos põe a nu diante do mundo e revela uma dimensão animal inquestionável de nosso ser. E, diante de sua nudez, o animal humano consciente não tem como evitá-la sem com isso chamar mais ainda a atenção sobre ela. Adão e Eva, nossos antepassados animais mais próximos, se tornaram de uma nudez assustadora quando romperam com sua natureza primeva e se tornaram conscientes. Estavam tão nus que evidenciaram isto querendo cobrir-se com algo, ocultando aquilo que ficou óbvio e transparente. D'us reconhece a nudez de Adão na vergonha que Adão sente desta.

Não existe, na verdade, outro nu além daquele que se percebe nu. E grande é o paradoxo humano no qual não há humano que seja digno sem uma boa noção de si como nu e não há nada mais assustador à dignidade humana do que se perceber nu. Isso porque não se trata da nudez dos deuses, mas a de um mortal. Nudez que não se sustenta sob qualquer forma de naturalidade

porque, por definição tanto bíblica como do bom-senso, não há nudez na natureza. O ser humano se fez o mais vestido e o mais nu dos animais.

A psicologia evolucionista revela o desejo do corpo profundo – a reprodução. A história do homem contada por seu corpo revela um compromisso com o amadurecimento da capacitação reprodutora, o esforço para a execução dessa tarefa e, uma vez concluída, o descarte de todo o aparato biológico que a possibilitou. As milenares perguntas “de onde viemos?”, “o que se espera de nós?” e “para onde vamos?” têm resposta no único mandamento que fazia sentido no Paraíso: “Crescei e multiplicai-vos.” (Gên. 1:28) O jardim do Éden era recoberto da paz tão presente no cumprimento do inexorável.

Para Darwin, esse Éden ainda continua presente, infernizado pela consciência que tenta desesperadamente dar conta da nudez descoberta. Para a psicologia evolucionista, o corpo é o motivo fundamental de nossas ações e de nosso comportamento, que ocultamos nas vestimentas de nossos símbolos e cultura. Um corpo com moral cria um mundo de roupas que veste o nu. Mas o nu continua visível, mais talvez do que quando não era coberto por qualquer roupa.

Os ensinamentos da psicologia evolucionista são tão importantes quanto a tautologia na experiência humana. Não a tautologia compreendida como um erro lógico que consiste em demonstrar uma tese repetindo-a com palavras diferentes, mas como a imprescindível redescoberta humana, em linguagem distinta, de algo já conhecido. Ou melhor, todos os grandes avanços no campo do pensamento do homem sobre si mesmo serão sempre dessa ordem: falar distintamente sobre o já sabido. Isso porque a sensibilidade humana é um dom ou uma limitação tão profunda em Darwin como o era no ser humano do

passado. O que a psicologia evolucionista representa é uma forma moderna, científica, de falar da nudez descoberta. Porque Adão não descobriu a alma com sua consciência – ele descobre a nudez. A Bíblia e a psicologia evolucionista reconhecem que a experiência da consciência resulta em um animal moral.

Portanto, quando Darwin responsabiliza as diferenças anatômicas e fisiológicas dos gêneros sexuais pelos hábitos e contratos sociais de uma determinada época, não há o que contestar. E grande parte de nosso mundo fica assim explicada. O mundo é composto por homens e mulheres que buscam dar conta de seu mandamento maior – multiplicar e frutificar. Essa é a matriz que permite compreender a realidade social através da história.

Anatomicamente, para o homem, otimizar sua reprodução é conseguir fecundar quantas fêmeas lhe for possível; para a mulher, a reprodução é uma experiência única em seu ciclo ovulatório e a qualidade da fecundação, fundamental. Temos aí então organizada uma dança social que irá variar com elementos do meio ambiente, sejam econômicos ou de assentamento (urbano ou rural) ou qualquer outro. Daí derivam os hábitos do acasalamento, sejam eles originariamente poligâmicos – por conta dessa realidade combinada de mandamento de procriação e diferenças anatômicas entre homens e mulheres em sociedades nômades – ou monogâmicos, regulamentados por conta de novas condições sedentárias. As mulheres buscam o fecundador perfeito que lhes dará maior chance de procriar com sucesso, seja por critérios de força, saúde, inteligência, tradição cultural ou riqueza. Os homens, por sua vez, usufruem a benesse da monogamia, a partir da qual terão direito a uma mulher sem ter de enfrentar a cruel e destrutiva competição daqueles que, sendo mais dotados em qualquer dos critérios anteriores, poderiam tomar a si quantas mulheres quisessem. Para haver

paz, em dadas condições de “oferta e demanda”, cada sociedade (a cada geração) trataria de encontrar as melhores convenções sociais possíveis. A monogamia, por exemplo, impõe sacrifícios tanto ao homem – que não pode “moralmente” espalhar sua semente em muitas mulheres – como às mulheres, por terem de se conformar com a melhor semente disponível entre os homens “moralmente” descompromissados. A causa desse acordo de sacrifícios é possivelmente a otimização que as sociedades sedentárias e urbanas tiveram de empreender para assegurar melhores níveis de paz social.

A partir dessa concepção, homens buscam mulheres que buscam homens e que põem em prática suas táticas para compor o melhor resultado possível em sua missão de procriar. Oculto no desejo da procriação estão todos os olhares de verdadeira vida que furtivamente se entrelaçam nos emaranhados de uma cidade. No metrô, nas salas de trabalho e estudo, no restaurante, na igreja ou no funeral, os seres humanos se veem nus num contínuo cálculo de seus interesses e chances de arrebatam o gênero oposto, que lhes poderá dar o sentido de estar cumprindo os desígnios maiores de suas vidas. Esta é a proximidade maior da imortalidade que nos é permitida: estarmos executando nossas mais profundas ordens. Tão concreta é a possibilidade dessa imortalidade que ela se traduz fisicamente nos rebentos e sua mágica capacidade de estarem vivos quando não mais estivermos.

O ser humano nu sabe disso. Sabe também que, independente do ato concreto da procriação, o cortejar e a sedução nos impregnam do gosto da vida. Sabe que uma boa velhice é aquela que vive dos louros da vida não desperdiçada. Sabe que a frustração e a depressão são subprodutos do não cumprimento desses desígnios na medida adequada.

Não há nada de herético nessa visão. Adão e Eva estão nus e têm um mandamento a cumprir, que é feito tomando o homem à mulher e a mulher ao homem. A consciência traz a percepção do nu e o ser humano passa a ter uma condição de animal moral – um nu que se vê nu e por isso precisa se esconder dos outros e de si mesmo. Toda moral, toda tradição, toda religião e toda a lei são produtos do corpo moral, de um animal moral. E toda a sociedade está voltada para “vestir” a nudez do ser humano.

A compreensão bíblica, no entanto, difere da compreensão de Darwin ou da psicologia evolucionista, na inclusão de uma outra dimensão da missão animal além da procriação. É verdade que procriar é o único mandamento positivo – da ordem do “faça” – também para o texto bíblico. Mas neste existe uma outra dimensão da natureza humana que antecede a própria consciência – sua natureza transgressora. O ser humano é talvez a maior metáfora da própria evolução, cuja tarefa é transgredir algo estabelecido.

Antes mesmo de conhecer a consciência e de se perceber nu, ou seja, um animal moral, o ser humano deparou com uma dimensão de si capaz de transgredir e provavelmente projetada para isso. Essa dimensão, como muito bem aponta o texto bíblico, se origina na mais pura natureza animal (a cobra) e escolhe a mulher como o meio mais propício para plantar a semente da transgressão e repassá-la ao homem para que, juntos, transgredissem. Na verdade, essa parceria no processo de transgredir se inicia no próprio Criador, que implanta uma espécie de primeira consciência através de uma proibição. A distinção entre a visão da psicologia evolucionista e a perspectiva bíblica é que o mundo dos animais, o mundo dos corpos e anatomias, não só possuía um mandamento positivo no paraíso – multiplicar – como também um negativo – não se nutrir de determinada rami-

ficação da própria natureza. É interessante notar que, quando o Criador comanda, está em Sua mais plena função de estabelecer diretrizes ao que cria; quando proíbe, no entanto, abre a porta para uma dimensão de co-criação. Admitir que é possível para a criatura fazer algo que não pode é chamá-la a criar junto, seja pela obediência ou pela transgressão. Perceba-se que mesmo a obediência ao que é proibido é distinta da obediência ao que é comandado. Obedecer ao proibido por opção é de ordem evolucionária, como também a transgressão.

Para a Bíblia, o ser humano – o animal de ponta – é conduzido por seu corpo e por traições a ele. Ele acolhe as demandas de seu corpo através do esforço moral para vestir o corpo nu e o animal nu, o que nada mais é do que o reconhecimento dos desígnios do corpo. Mas também banca sua dimensão transgressora e evolucionária. Esta dimensão na consciência não é moral, mas “imoral”. Visa a romper, a errar, a desfazer, a trair. A partir da consciência, da proibição, da dimensão transgressora do animal, o comando de procriar criou tanto a “moral” como o “imoral” na civilização humana. A função maior deste livro é refletir sobre essa última dimensão que vamos tentar compreender como o verdadeiro sentido do conceito de “alma”. A “alma”, diferente da definição popular, seria nada mais do que o componente consciente da necessidade de evolução, a parcela de nós capaz de romper com os padrões e com a moral. Sua natureza seria, portanto, transgressora e “imoral”, por não corroborar os interesses da moral.

Muitas vezes o texto bíblico é compreendido como se a “alma” fosse um corpo etéreo soprado por D’us no barro que formou o ser humano. Isso é apenas uma interpretação. Em nenhum momento o texto da criação afirma que o ser humano é possuidor de duas essências – uma física e uma imaterial. O que

D'us insufla nesse instante é a vida presente tanto na dimensão do cumprimento do corpo e suas necessidades vitais e de reprodução quanto em sua dimensão evolucionária. O que D'us sopra não é a “alma”, mas a condição orgânica sobre a matéria. Para a Bíblia, não existe dualidade na essência do ser humano, mas sim a possibilidade da escolha – da obediência e da desobediência.

Assim, por alma não devemos entender nenhuma outra ordem distinta do corpo. A necessidade de uma dualidade que gera o termo “alma” se encontra nessa capacidade humana de optar entre cumprir ou transgredir. A alma seria parte do corpo, sua parte transgressora. Seria este o nome que se busca dar à presença de um elemento evolucionário do próprio corpo que, por um lado, nos impõe uma conduta rígida e comprometida com sua forma de ser, mas que, de tanto em tanto, com maior ou menor importância, trai a si mesmo e se reconstrói.

Este livro é sobre essa alma. Alma que jamais representou o elemento moral e patrulhador dos bons costumes, que é, na verdade, representado pelos interesses do corpo, do verdadeiro e sagrado *establishment* – daquilo que deseja manter o que já é. Ao contrário, a alma é que representaria o elemento de nossas entranhas que nada mais faz do que trair esses interesses.

É muito provável que a codificação existente em nós, que nos impulsiona a trair o *establishment* do animal moral através da consciência, reside no reconhecimento de que esse mesmo corpo, com seus desígnios de reprodução, também nos mata. Afinal, este é o temor expresso no texto bíblico: o animal consciente, de posse da informação de sua mortalidade, pode querer ser imortal. Porque o corpo moral – o corpo que se reconhece nu e que passa também a buscar de forma consciente sua preservação – é profundamente mortal. Como a obediência pura e simples, ou a estagnação evolucionária, é também absolutamen-

te mortal. Porque o homem de Neandertal poderia ter morrido e desaparecido não fosse sua evolução, seu rompimento com a integridade de seu corpo para cumprir com o destino que lhe deve ter sido profundamente penoso e “imoral” sua mutação e transformação. Só a alma transgressiva, só a traição evolucionária ao *establishment* do corpo e do corpo moral, resgata a verdadeira possibilidade de imortalidade. A imortalidade do animal se dá na reprodução e a moral cumpre o papel de proteger esta imortalidade na esfera da consciência; já a imortalidade pela transgressão se dá na evolução, e a alma imoral cumpre o papel de proteger esta imortalidade na esfera da consciência.

Este livro busca refletir sobre a imprescindível imoralidade da alma – sobre seu constante questionamento e crítica à moral do corpo como sendo necessariamente a melhor forma de representar nossos interesses. Busca resgatar nos ensinamentos da tradição judaica o conhecimento de que a verdadeira alma é transgressora. Essa imoralidade, que muitas vezes ameaça contundentemente o corpo, é o lugar onde o ser humano briga com seu D’us e dessa contenda se inventa o novo homem – o homem de agora.